

# Vaticano Ii E Evangelii Gaudium: As Aproximações Teológicas E Pastorais Com As Teologias Do Vaticano Ii E Latino-Americana

José Genilton Costa Dos Santos  
Universidade Federal De Sergipe, Brasil.

---

## Resumo

O artigo explora a conexão entre a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco e o Concílio Vaticano II, destacando como Francisco, inspirado por Paulo VI e pelos textos conciliares, busca dar continuidade e renovação à evangelização. Segundo Lima e Passos, Francisco é um produto do Vaticano II, e sua Exortação reflete tanto uma fidelidade quanto uma inovação em relação aos princípios do Concílio. Francisco adota o método *ver-julgar-agir*, essencial para a teologia latino-americana e presente na *Evangelii Gaudium*, enfatizando a reforma da Igreja para uma missão mais inclusiva e voltada para os pobres. O Papa é visto como alguém que continua a transformação da Igreja iniciada pelo Vaticano II, contrastando com os enfoques mais conservadores de seus antecessores (Moraes, 2014; Suess, 2017; Brighenti, 2021).

**Palavras-chave:** Evangelização; Vaticano II; Reforma.

---

Date of Submission: 01-08-2024

Date of Acceptance: 10-08-2024

---

## I. As Transformações Na Igreja E Na Sociedade

Segundo Lima o título da *Evangelii Gaudium*, *Alegria do Evangelho*, vem de uma frase do Magistério do Vaticano II de Paulo VI (LIMA, 2014, 245; EN n. 80). Segundo PASSOS, “o Papa Francisco é filho do Vaticano II” (PASSOS, 2029, p. 36). Os textos conciliares são fontes da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco faz várias referências do magistério conciliar na sua Exortação Apostólica (MORAES, 2014, p. 38-40). Na *Evangelii Gaudium*, Francisco segue o pensamento do Papa Paulo VI sobre a evangelização. (GALLI, 2019, p.72). Segundo Moraes, há uma relação de continuidade e transformação entre o Concílio Vaticano II e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (MORAES, 2014, p. 39). Segundo Suess o Papa Francisco além de seguir com fidelidade, coerência e criatividade o Concílio Vaticano II com mais afinidade aos textos conciliares do que seus antecessores, João Paulo II e Bento XVI que participaram do concílio, mas que faziam parte da ala conservadora dos padres conciliares e tomaram posições opostas aos pensamentos de João XXIII e o Papa Paulo VI. (SUESS, 2017, p. 49). Francisco fundamenta a *Evangelii Gaudium* nos textos conciliares ao afirmar que com “base na doutrina da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*” entre vários temas relevantes decidiu se deter nas seguintes questões EG . 17:

- a) reforma da Igreja “em saída” missionária.
- b) tentações dos agentes pastorais.
- c) A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza.
- d) A homília e a sua preparação.
- e) A inclusão social dos pobres.
- f) paz e o diálogo social.
- g) as motivações espirituais para o compromisso missionário.

Segundo Suess o título da *Evangelii Gaudium*, *Alegria do Evangelho*, é quase um pleonasma, porque o Evangelho é uma boa nova, logo uma boa notícia suscita alegria. (SUESS, 2017, p. 20-21). De acordo o Papa Francisco se inspirou no documento de Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* n.80 a evangelização deve ser feita com alegria, ela traz suavidade e conforto, mesmo nos momentos difíceis, lágrimas e se for necessário doar a própria vida como aconteceu com João Batista, Pedro, Paulo. A Boa Nova deve ser anunciada de lábios, não de pastoralistas tristes, desanimados, desiludidos, desencorajados, impacientes e neuróticos, mas de evangelizadores que irradie fervor, que fazem a experiência mais profunda do abismo de Deus e acrescentou:

De tais obstáculos, que são também dos nossos tempos, limitar-nos-emos a assinalar a falta de fervor, tanto mais grave por isso mesmo que provém de dentro, do interior de quem a experimenta. Essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, na acomodação e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de

esperança em numerosos evangelizadores. E assim, nós exortamos todos aqueles que, por qualquer título e em alguma escala, têm a tarefa de evangelizar, a alimentarem sempre o fervor espiritual (EN n. 80).

Segundo o Cardeal Ortega de Havana, antes da eleição de Jorge Mario Bergholio, em Roma, sinalizou que era urgente uma Igreja em saída e a superação de uma Igreja autorreferencial na sua intervenção no conclave no qual ele foi eleito. Ele citou de Paulo VI: “A doce e confortadora alegria de evangelizar”. Fez referência a nova evangelização e do perfil do futuro Papa e que a Igreja católica deveria rever sua estrutura, sua missão e gerar esperança através de uma nova evangelização que contemplasse os desafios do mundo globalizado. (ORTEGA, 2017, 17-18). O Cardeal de Cuba estava também no conclave e descreveu com precisão a sua intervenção feita diante de 115 cardeais do mundo inteiro:

Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se autorreferencial e então adoce (é a mulher encurvada sobre si mesma do Evangelho). Os males que ao longo do tempo acontecem nas instituições eclesiais possuem raiz de autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico (...). Pensando no próximo Papa: Um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e a partir da adoração a Jesus Cristo ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais, que a ajude a ser mãe fecunda que vive a “doce e confortadora alegria de evangelizar” (ORTEGA, 2017, 18; EM n. 80).

## II. Vaticano II E Evangelii Gaudium: Uma Igreja No Mundo

Segundo Brighenti, o Vaticano II propague uma Igreja inserida no mundo e a serviço dos indefesos e não se deve ter medo dos inúmeros desafios existentes em todo planeta contribuído para o progresso e o desenvolvimento humano (BRIGHENTI, 2021, p. 64-65; LG n. 48; GS n. 42, 43). João XXIII usou pela primeira vez a expressão “Igreja dos pobres” no seu discurso às vésperas da abertura do Concílio Vaticano II no dia 11 de outubro de 1962: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres” (LIBÂNIO, 2005, p. 65; AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 151), reconheceu a dignidade da pessoa humana e dos direitos humano e percebeu que o progresso econômico agrava as desigualdades sociais e desprezava o pobre (LIBÂNIO, 2005, p. 136), depois foi escrito esse poema bem conhecido pelos teólogos e agentes de pastorais nos seus trabalhos pastorais da constituição pastoral *Gaudium et Spes* n. 1:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco em seu coração.

Segundo Libânio o sentido de pastoral proposto pelo Concílio Vaticano II, partiu de temas atuais vivido por milhões de pessoas no mundo, “problemas que afetam a família, o progresso, a vida econômico-social, a comunidade política, a promoção da paz, da comunidade internacional” (LIBÂNIO, 2005, p. 68). Segundo Trigo o Papa Paulo XVI tinha percebido que os teólogos do Vaticano, expressavam uma doutrina oficial, rígida incapaz de construir pontes e que contemplasse a realidade do seu tempo (TRIGO, 2019), p. 43-44). O pontífice escreve:

A vossa tarefa principal não consiste em construir muros, mas pontes; em estabelecer um diálogo com todos os homens, inclusive com aqueles que não compartilham a fé cristã, mas ‘cultivam os altos valores do espírito humano’, e até com ‘aqueles que se opõem à Igreja de várias maneiras a perseguem’ (*Gaudium et spes*, n. 92).

Segundo Beozzo no final do Concílio (1965) os bispos conciliares do terceiro mundo uniram-se e celebraram na manhã do dia 16 de novembro de 1965, nas Catacumbas de Santa Domitila o “Pacto das Catacumbas”, sob a inspiração do padre Paul Gauthier e da religiosa Marie-Thérèse Lescase foi uma expressão pública de compromisso com uma Igreja servidora dos pobres, na defesa da justiça, da dignidade, igualdade e solidariedade. Esses bispos provinham de várias partes do mundo, Ásia (China, Indonésia, Coreia do Sul, Índia, Israel); África (Zâmbia, Argélia, Togo, Congo, Chade, Congo-Brazzaville, Egito, Djibouti, Seychelles); América Latina (Brasil, Argentina); Caribe (Cuba, Dominica); América do Norte (Canadá) e Europa (França, Bélgica, Grécia, Espanha, Itália, Alemanha, Iugoslávia). Logo depois o Pacto foi assumido por cerca de 500 dos 2.500 dos bispos conciliares. Esse pacto inspirou fortemente as conferências, Medellín e Puebla. Logo a opção pelos pobres começou no Vaticano com o Pacto das Catacumbas no final do Concílio Vaticano II (BEOZZO, 2016, p. 27-28). Segundo Passos a visão pastoral do Papa Francisco tem suas fontes nos textos conciliares, amadurecida e vivenciada na América Latina (PASSOS, 2016, p. 83) e acrescentou que “Francisco se posiciona precisamente no marco conciliar e, em muitos aspectos, tira as consequências das decisões conciliares: vai concluindo muitas das reformas orientadas pelo Concílio” (PASSOS, 2016, p. 59). Para o Papa Francisco a Igreja deve estar a serviço de todos sem exceção: (EG n. 48):

Se a Igreja inteira assume esse dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas a quem deveria privilegiar? (...) Não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, àqueles que “não têm como te retribuir” (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem essa mensagem claríssima. Hoje e sempre “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que

Jesus veio trazer. Há que afirmar, sem rodeios, que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos sozinhos.

De acordo Miranda o Papa Francisco segue o espírito do Vaticano II e das Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo (MIRANDA, 2017, p. 47) que insiste que “a ação missionária é o paradigma de toda a Igreja” (EG n. 15). Para Júnior não resta dúvida que o projeto de Igreja do Papa Francisco é “uma Igreja pobre e para os pobres” que é a marca do seu ministério pastoral (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 163-164). Para o Papa Francisco seria uma evangelização que contemplasse a promoção humana “(...) A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG n. 178).

João XXIII recepcionou o método ver, julgar e agir, na encíclica *Mater et Magistra* em 1961, idealizado por J. Cardin em 1925. O Concílio Vaticano II, veio nesse método um meio adequado para se ler os “sinais dos tempos”, a *Gaudium et Spes*, fez dele um método teológico (leitura dos sinais dos tempos, iluminação da Palavra, compromisso pastoral) que depois influenciou diretamente a Igreja na América Latina, onde deu-se origem a teologia da libertação e seu método “mediação sócioanalítica, mediação hermenêutica, mediação da práxis” (Ventos, p. 203). Segundo Passos o Vaticano II percebeu que esse método seria importante para a categoria *sinais dos tempos*, esse caminho metodológico lança a Igreja para uma dimensão crítica e criativa em relação às questões sociais no mundo moderno. Esse método ver-julgar-agir foi um instrumento concreto que operacionalizou a metodologia durante e depois do concílio (PASSOS, 2016, p. 98). Segundo Libânio “O próprio papa João XXIII tinha demonstrado muitos sinais de simplicidade e de serviço, e depois Paulo VI confirmou essa linha, inclusive num gesto simbólico de despojar-se da tiara pontifícia, doá-la aos pobres, e nunca mais usá-la” (LIBÂNIO, 2005, p. 139). Segundo Passos esse método foi abrigado na estrutura geral da *Evangelii Gaudium* pois ele se relaciona “diretamente à inserção social da Igreja em um conjunto maior de natureza teológica”(...). O exercício metodológico permite à fé a sua articulação consciente, coerente e eficaz com os diversos contextos”. Esse método é indissociável da história pessoal e de sua experiência eclesial na América Latina. É tradição eclesial desse continente o método ver-julgar-agir e portanto está na alma do Papa Francisco (Passos, p. 99-103).

Segundo Brighenti o Papa Francisco utiliza esse método ver-julgar-agir na *Evangelii Gaudium* no pensar, no falar e na prática. Ele diz que a realidade é complexa, plural, conflitiva e opaca que deve ser percebida e descoberta por meio de um discernimento (EG n. 194). Surge a necessidade de um olhar integral sobre a realidade, sem pretensão de um olhar neutro e asséptico (EG n.50): “A tentação se encontraria em optar por um ‘ver’ totalmente asséptico, um ‘ver’ neutro, o que não é viável. O ver está sempre condicionado pelo olhar. Não há uma hermenêutica asséptica” (BRIGHENTI, 2021, p. 205). A realidade deve ser vista do ponto de vista horizontal, nem ser decifrada de cima para baixo pois “nem o Papa nem a Igreja possuem o monopólio da interpretação da realidade” (EG n.184). A realidade é mais importante do que a ideia. Esta é apenas a hermenêutica daquela (EG n. 231). O olhar da fé por mais purificado que seja, não consegue eliminar totalmente a ambiguidade da realidade concreta (EG n. 233). Por isso, “a hermenêutica da realidade é sempre comunitária, imperativa para o discernimento comum, o que vai ao encontro das exigências da razão comunicativa, colocada em relevo no atual contexto da crise da modernidade” (Ventos, p. 206).

Segundo Libânio o tema da colegialidade foi tratado no Vaticano II foi uma verdadeira revolução copernicana (LIBÂNIO, 2005, p. 117). Aos poucos as estruturas colegiais foram se configurando na Igreja. Paulo VI criou o sínodo dos bispos e após o Concílio firmaram as conferências nacionais, regionais e continentais. Segundo Passos um dos temas mais espinhosos do Concílio Vaticano II foi o da Colegialidade. Tornou-se um princípio imperioso traduzir de forma concreta a eclesiologia conciliar em comunhão de todo o povo de Deus e ao mesmo tempo a comunhão do Papa com os bispos em *modus operandi* do governo eclesial. Os padres conciliares sentiram a necessidade de organizar um governo colegiado da Igreja sob a condução do bispo de Roma, nesse caso, exigiria repensar a estrutura e o funcionamento da Cúria Romana. Para tanto, a reforma da Cúria Romana é uma questão de urgência:

O concílio resgatou a prática dos sínodos como um modo de concretizar a colegialidade. Contudo, as regras e as práticas dos sínodos continuaram reproduzindo a centralidade do Papa e da Cúria Romana: tornou-se uma assembleia meramente consultiva, cujas decisões podem ou não ser acolhidas pelo Papa. O concílio não chegou à Cúria nem ao exercício do papado” (PASSOS, 2016, p.112).

Miranda aponta vários temas importantes que foram discutidos no Concílio Vaticano II como a colegialidade episcopal, a eclesiologia do povo de Deus, o reconhecimento e a participação do laicato na vida da Igreja, o diálogo ecumênico e inter-religioso que depois do concílio provocaram mudanças e agitações, dando ensejo a uma centralização por parte da Sede Apostólica e coibindo a efetivação de algumas conquistas conciliares como a colegialidade episcopal, a importância das Igrejas locais, a enculturação da fé, o diálogo ecumênico, a liberdade dos teólogos. Daí o clamor dos bispos e teólogos por uma reforma da Cúria Romana que foi agravado por vários escândalos financeiro e sexual dentro do próprio Vaticano e explorado pela mídia, mesmo assim mantinha-se uma estrutura vertical, autoritária e jurídica numa sociedade que almejava participação e respeito ao indivíduo, este fato afastava as pessoas da Igreja, Urge, sem dúvida, uma reforma! (MIRANDA, 2017, p. 125)

Segundo Passos na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco adota o método ver-julgar-agir que está em consonância com a tradição latino-americana e vincula as fontes dos Magistérios locais. A Exortação *Evangelii Gaudium* recorre aos textos pós-sinodais dos diversos continentes (PASSOS, 2019, p.43). Segundo Gonzaga a *Evangelii Gaudium* é um texto no qual o Papa Francisco procura valorizar os Magistérios nacionais, continentais dos vários episcopados do mundo, como jamais visto na história da Igreja Católica (GONZAGA, 2019, p. 43). A Exortação constará: Bispos latino-americanos (EG n. 15), bispos da África (EG n. 62), bispos da Ásia (EG n. 62), bispos dos Estados Unidos da América (EG n. 64), bispos franceses (EG n. 66), bispos da Oceania (EG n. 118), novamente o CELAM com DAp (EG n. 124), bispos do Brasil (EG n. 190), bispos das Filipinas (EG n. 125), bispos da República Democrática do Congo (EG n. 230), bispos da Índia (EG n. 250).

Segundo Libânio a partir da abertura importante provocada pelo Concílio “várias Igrejas particulares convocam assembleias do povo de Deus onde se vive fortemente a base laical e colegial da Igreja particular. Multiplicaram-se os conselhos em diversos níveis com a participação crescente dos fiéis” (Libânio, 2005, p.119). Boff diz que essa Igreja participativa se estende às Comunidades Eclesiais de Base (BOFF, 2008, p.58). Segundo Passos o Papa Francisco recorre ao Vaticano II em termos de reforma da Igreja e de modo especial, a Cúria Romana que “constitui o coração da instituição, o centro por onde a comunhão eclesial universal se faz visível e se expressa institucionalmente. Sem reforma seria impensável relizar a ‘reforma inadiável’ da Igreja” (PASSOS, 2016, p. 113). Segundo Brighenti a reforma da Igreja começou pelo Papa Francisco: “pagando suas contas no dia seguinte à sua eleição, simplificando seus trajes, trocando o trono por uma cadeira, conservando sua cruz peitoral e seu sapatos pretos, utilizando carro modesto...” (BRIGHENTI, p. 187). Brighenti cita a famosa frase de São Bernardo da Ordem do Cisterciense ao seu confrade ao ser eleito Papa Eugênio III: “não te esqueças de que és o sucessor de um pescador e não do Imperador Constantino” (BRIGHENTI, p. 187).

### III. Medellín E Evangelii Gaudium

Em 22 de agosto de 1969 chega pela primeira vez na história da América Latina um Papa, Paulo VI se fazia presente em Bogotá, capital da Colômbia, no seu discurso ele disse que os bispos não se separem do pensamento do Papa, mas que a situação local deve ser julgado pelos bispos do lugar e não só pelo bispo de Roma (DUSSEL, 1981, p. 69). Em 24/08-06/09/1968 se reuniram em Medellín 146 prelados e numerosos consultores de diferentes níveis. O tema foi: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio” (DUSSEL, 1981, p. 70). A Igreja latino- americana e caribenha, através dos seus pastores deu um passo importante e decisivo nesta II Conferência construiu um projeto de “uma Igreja dos pobres”. Medellín recebeu bem o Concílio Vaticano e fez valer a frase de João XXIII *a Igreja de todos, mas, sobretudo, a Igreja dos pobres* (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 154-159). Segundo Passos em Medellín o Papa Paulo VI reconheceu e acolheu a dura realidade da Igreja latino-americana e caribenha e motivou o episcopado desse subcontinente a assumir o maior desafio, a lutar pela justiça social em defesa de milhões de latino-americanos (PASSOS, p. 2019, 47). Paulo VI disse que Medellín foi:

“um impulso de renovação pastoral, um novo espírito frente ao futuro, em plena fidelidade eclesial na interpretação dos sinais dos tempos na América Latina. A intencionalidade evangelizadora era bem clara e fica evidente nos dezesseis temas tratados, reunidos em torno de três grandes áreas, mutuamente complementares: promoção humana, evangelização e crescimento na fé, a Igreja visível e suas estruturas. Com sua opção pelo homem latino-americano visto em sua integralidade, com seu amor preferencial mas não exclusivo pelos pobres, com seu esforço por uma libertação integral do homem e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi um chamado de esperança para metas mais cristãs e humanas” (João Paulo II, Homilia de 27 de janeiro de 1979, na basílica de Guadalupe). (DUSSEL, 1983, p. 647-648)

O episcopado latino-americano e caribenho assumiu as conclusões de Medellín (BARROS, 2019, p. 198) e os bispos propuseram: “que se apresente, cada vez mais nítido na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação de cada ser humano e de toda a humanidade” (Medellín 5, 15). Segundo Aquino, Medellín pensou uma Igreja a partir dos pobres que constitui a grande maioria do povo latino-americano e caribenho e refletiu em sua essência uma “Igreja dos pobres”. O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente ante a situação de tremenda pobreza, injustiças sociais, existentes na América Latina. Milhões de homens se “queixam de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 155). Segundo Beozzo o que não se conseguiu avançar no Concílio concretizou-se três anos depois na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, na Colômbia, 1968. (BEOZZO, 2015, p. 15). O documento de Medellín tem como título “Pobreza da Igreja” e declarou no seu preâmbulo:

O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente perante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza e que, em muitíssimos casos, chega a ser miséria inumana. Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhe advêm de nenhuma parte.(...) E chegam também a nós as queixas de que a hierarquia, e clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos (DM 14, 1-2).

O Papa Francisco é um latino-americano, argentino, jesuíta, tem suas raízes, conhece bem os inúmeros desafios existentes neste continente de ordem social, política e econômica (GALLI, 2019, p. 59). Medellín propôs uma Igreja missionária e pascal, o Papa Francisco propôs uma Igreja em saída. Essa inserção dos agentes de pastorais na caminhada exige um projeto de formação e vontade de estar no meio do povo, mesmo com seus defeitos, mas pode-se ser corrigido (BARROS, p.199). Segundo Brighenti num mundo globalizado, os problemas têm causas múltiplas é preciso estar atento à realidade local, pois a fragmentação do tecido social e eclesial exige do agente de pastoral uma formação adequada para os inúmeros desafios em regiões desafiadoras (BRIGHENTI, 2021, p. 179). É a partir desse contexto que Francisco alerta na EG n. 234:

Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair em uma mesquinha cotidianidade. Ao mesmo tempo, convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos de artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem em um museu folclórico de eremitas localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras.

A consciência planetária envolve tudo, a crise ecológica, a tecnologia, a economia, a política etc. tudo está interligado, fazer essa travessia contemplando todas essas dimensões gera conflitos e precisa assumi-los e superá-los. Assim diz o Papa Francisco EG n. 227:

Perante o conflito, alguns se limitam a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam, nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo. “Felizes os que promovem a paz” (Mt 5,9)!

Segundo Libânio a expressão “nova evangelização” surgiu em Medellín. Paulo VI teve a iniciativa de convocar a II Conferência latino-americana no intuito de que a Igreja Católica da América Latina assimilasse e colocasse em prática o Concílio Vaticano II, mas ela se inspirou e foi além do Concílio Vaticano II e pensou a nova evangelização a partir dos pobres, da sua cultura nativa e popular nasce a nova evangelização, homens e mulheres se inseriram nas periferias das grandes cidades e nos interiores, o Evangelho incuturado na vida do sofrido povo latino-americano (LIBÂNIO, 2014, 195). Segundo Sobrinho essa era a Igreja sonhada pelo cardeal Lercaro no final da primeira sessão do Concílio, ele lamentou que “até agora faltou algo ao Concílio”, e se perguntava: “Onde encontraremos esse impulso vital, essa alma, digamos, essa plenitude do Espírito?” E respondeu: “Esta é a hora dos pobres, de milhões de pobres que estão por toda a terra” (SOBRINHO, 2008, p. 47). Segundo Boff “os anos que se seguiram Medellín foram marcados por um deslocamento cada vez maior e consequente de toda a Igreja do centro para a periferia” (BOFF, 1984, p. 34). E Brighenti disse que a Igreja não só assumiu a causa dos vulneráveis, mas assumiu igualmente seu lugar social através do surgimento das comunidades eclesiais de base (CEB’s) inseridas e comprometidas com as pastorais sociais como, pastoral da terra, pastoral operária, pastoral da criança, comissão indigenista missionária (CIMI), da ecologia, da consciência negra e indígena, da mulher etc. (BRIGHENTI, 2021, p. 134).

Em cada nação, os habitantes tiveram inúmeras iniciativas e desenvolveram a dimensão social, tornando-se cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa de manobra ou arrastada pelas forças dominantes da sua época. Lembremo-nos que “ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral”. Mas tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme (EG n. 220).

### ***Puebla e Evangelii Gaudium***

A III Conferência latino-americana realizou-se nos dias 27-1 a 13-2 de 1979 em Puebla no México (DUSSEL, 1983, p. 582). Segundo Passos em Puebla o Papa João Paulo II no seu discurso de abertura reconheceu e discursou em público a situação degradante da realidade do povo da América Latina e motivou o episcopado latino-americano e caribenho a se comprometer com a justiça social, compromisso com “os mais necessitados, a função social da propriedade, e constata o fato de haver ‘ricos cada vez mais rico à custa de pobres cada vez mais pobres’” (PASSOS, 2019, 47). Segundo Brighenti que a situação de pobreza, marginalização, miséria, injustiça social e violação dos direitos humanos da grande maioria da população da latino-americana era bastante conhecida pelos bispos do continente (Brighenti, 2021, p. 64; DP 1094). O documento de Puebla diz que a promoção humana e a evangelização são indissociáveis fazem parte de uma pastoral libertadora que vê o ser humano na sua totalidade a dimensão terrena e transcendente como afirma o DP n. 355:

Mas esta salvação tem “vínculos muito forte” com a promoção humana, em seus aspectos de desenvolvimento e de libertação, parte integrante da evangelização. Estes aspectos brotam da própria riqueza da

salvação, da ativação da caridade de Deus em nós, a que estes aspectos estão subordinados. A Igreja “não necessita, portanto, de recorrer a sistemas e ideologias para amar e defender a libertação do homem e colaborar com ela: no centro da mensagem de que é depositária e pregoeira, encontra inspiração para atuar em prol da fraternidade, da justiça e da paz; para agir contra as dominações, escravidões, discriminações, violências e atentados à liberdade religiosas, contra a vida” (João Paulo II, Discurso inaugural III, 2).

O Papa Francisco disse literalmente que reconhece a “conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG n. 178). Segundo o Papa é indissociável a evangelização da realidade vivida pelo povo em qualquer lugar do mundo “a evangelização não seria completa, se ela não levasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem” (EG n. 181). Segundo o documento de Puebla, tanto a promoção humana quanto a promoção da justiça são partes integrantes da evangelização (DA n. 1254). Por sua vez, o Papa Francisco *faz jus* às Conferências latino-americanas na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao afirmar que “a evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e que serve apenas para preparar as almas para o céu” (EG n. 182). Boff diz que a fé é uma força interior que encoraja o ser humano a sair de si e comprometer-se com a causa dos pobres, enfrentar os conflitos, os equívocos e os fracassos com soberania, serenidade e permanecer na militância com aquele fogo interior capaz de enfrentar a própria morte se for necessário como tantos fizeram (BOFF, 1999, p. 25). Segundo o Papa Francisco a fé autêntica “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela (...). A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos” (EG n. 182). Na *Evangelii Gaudium* n. 181 o Papa Francisco cita Paulo VI para corroborar com sua tese:

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: não aceitamos que o econômico se separe do homem; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se inclui. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira” (POPULORUM PROGRESSIO, 2019, n. 14).

Segundo Beozzo a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla (1979) no México parte da constatação da pobreza e da miséria de milhões de latino-americano que embasa toda a sua reflexão (BEOZZO, p. 16), pois, são produtos das estruturas econômicas, sociais e políticas desse imenso continente (DP n. 30). Essas injustiças, sofridas por milhões de latino-americanos são vergonhosas, humilhantes devastadoras em situação de pobreza e miséria que se exprimem, por exemplo: “em mortalidade infantil, em falta de moradias adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego, subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção” (DP n. 29). Segundo Carias Puebla segue e confirma Medellín e explica no número específico as razões da opção preferencial pelos pobres (CARIAS, p. 69).

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação (1.134).

Segundo Cuda enquanto a Igreja latino-americana faz opção preferencial pelos pobres na perspectiva de Medellín e Puebla e se posicionou ao lado do povo pobre, trabalhador e descartado, o Papa Francisco atualizou e sugeriu que a Igreja não deve trabalhar e decidir pelo pobre, mas trabalhar e decidir com eles (Cuda, 2021, p. 81). Segundo Scannone, após a eleição do sucessor de Bento XVI e da escolha do seu nome, o Papa Francisco fez da opção preferencial pelos pobres o seu ponto de partida e seu lugar hermenêutico central. Sua preferência pelos marginalizados, desempregados, aquele que é “resíduo” ou “sobrante”. Suas primeiras viagens fora de Roma foram em Lampedusa e na Sardenha, assim como encontros com refugiados e desempregados, simbolicamente foi uma verdadeira encíclica (SCANNONE, 2019, p. 220) Ele declarou:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus” (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” (...). Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar (...). É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas das suas vidas, e a coloca-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles (EG n. 198).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* segue a mesma linha do documento de Puebla (MIRANDA, 2018, p.49), ao afirmar que “a evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” e se

enganam os agentes de pastorais que afirmam que a “religião deve se limitar-se ao âmbito privado” (EG n. 182). E continua a afirmar que a fé autêntica “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois de nossa passagem por ela. (...) A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos” (cf. EG n. 183). Segundo Sung a opção preferencial pelos pobres feita pela Igreja ou a opção do Papa Francisco por uma Igreja pobre para os pobres inspirados nas conferências latino-americanas, mas também tem fundamento último no Deus do Antigo Testamento (Ex 3) e no Novo Testamento (cf. Lc 4), essa opção dos cristãos não se baseia em teoria sociológica e nem filosófica, mas na Bíblia. Entretanto, a opção pelos pobres pode ser verbalizada, justificada ou fundamentada e entendida na perspectiva da razão humana, essa opção se justifica mesmo sem fé religiosa, no momento que a dignidade é violada ou negada ao reduzir o ser humano é um instrumento ou meio para o agressor atingir o seu fim o único meio é ficar ao lado do pobre e defender a sua dignidade. Em termos sociais a opção pelos pobres é tomar o partido dos indefesos e assumir a luta por justiça social a “injustiça social predominante hoje são a exclusão social e a profunda desigualdade social que marcam a globalização” (SUNG, 2018, p. 12). Todas essas ideias foram sintetizadas na expressão do Papa Francisco, “desejo uma Igreja pobre para os pobres” (SUNG, 2018, 14; EG n. 198).

Para Sung por meio de uma linguagem teológica e pastoral, o Papa Francisco chama atenção de todos mesmo tendo os pro e os contra para uma questão óbvia e sensível para resgatar a “noção de dignidade humana e direitos humanos e, com isso, a de justiça social” e acrescentou: o Papa Francisco não se cansa de insistir por uma “Igreja pobre para os pobres” e a crítica à idolatria do dinheiro (SUNG, 2018, p. 25, com a sua máxima “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social, essa economia mata” (EG n. 53). Sung adverte que:

“A luta pelos direitos sociais dos indivíduos e por uma sociedade marcada por justiça social não é a totalidade da luta, não desqualifica nem diminui a importância de lutas por outros direitos, mas é a luta pela possibilidade de que os direitos humanos sejam realmente universais, válidos para todos os seres humanos. Mesmo para os excluídos do mercado” SUNG, 2018, p. 118-119).

### **Santo Domingo e Evangelii Gaudium**

Segundo Beozzo a IV Conferência Geral do Episcopado latino-americano, em Santo Domingo, deu continuidade às conferências anteriores de Medellín e Puebla (BEOZZO, 20016, p. 18) e se comprometeu com os pobres que a evangelização estaria a serviço da vida do povo latino-americano:

Uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho, a partir de uma evangélica e renovada opção pelos pobres e a serviço da vida e da família (...). Por uma evangelização inculturada que penetre os ambientes de nossas cidades, que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas por meio de uma eficaz ação educativa e de uma moderna comunicação (DSD n.303)

O Papa Francisco diz que a “evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” (EG n. 182). Segundo Oliveira evangelizar na concepção do Papa Francisco, exige que a Igreja tenha coragem de sair de si mesma e ir às periferias geográficas e existenciais do mistério da dor, do sofrimento, da violência, da injustiça, de toda miséria que entristece e desfigura na vida humana e acrescentou: “o lugar da comunidade eclesial não pode ser ela mesma, mas o mundo como ele está hoje configurado e diante de suas crises profundas (...) marcada por uma miséria que ameaça a vida de dois terços da humanidade (OLIVEIRA, 2018, p.17).

Segundo Brighenti Santo Domingo destacou que as CEB’s através da prática tem se mostrado como um meio mais adequado de se viver a fé em comunhão com a vida real (SD n. 48). Para Santo Domingo, as CEB’s são sinais de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização (SD n. 61; BRIGHENTI, 2021, p. 66). Segundo Libânio Santo Domingo apresenta o leigo como o protagonista da evangelização, isso porque, ele trás para a pastoral sua larga experiência de Deus para a evangelização latino-americano (LIBÂNIO, 2005, p. 182). Boff no seu famoso livro intitulado *Carisma e Poder* apresenta as CEB’s como a forma comunitária de fazer a experiência de Deus no sentido mais genuíno da existência humana, cada um desenvolvendo seu serviço a partir do seu carisma, visitar e consolar aos doentes, outros alfabetizam, outros conscientizam sobre os direitos humanos, as leis trabalhistas, outros preparam as crianças para os sacramentos etc. Todos esses serviços são respeitados, incentivados e coordenados pelo responsável para o crescimento de toda comunidade. A Igreja não é apenas uma organização, ela é um organismo vivo que cria e recria a partir das suas necessidades, alimenta e renova a partir de suas bases (BOFF, 1982, p. 200-201). Nesse sentido afirma Santo Domingo, n. 97:

As urgências do momento presente na América Latina e no Caribe reclamam:

Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intra-eclesial.

Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da nova evangelização. Esta só será efetivamente levada a cabo se os leigos, conscientes de seu batismo, responderem ao chamado de Cristo a que se convertam em protagonistas da nova evangelização. No marco da comunhão eclesial, urge um esforço de favorecer a busca de santidade dos leigos e o exercício de sua missão.

Segundo Brighenti é por meio das comunidades eclesiais de base (CEB'S) que a Igreja assume a causa dos pobres e o seu lugar social, sempre numa perspectiva de partilha, de luta com foco na pastoral social diante dos desafios e da situação de pobreza. As comunidades de eclesiais de base (CEB's) são as sementeiras nas quais nascem as pastorais sociais como meios de se ter uma vida digna: pastoral da criança, da terra, pastoral de rua etc. (BRIGHENTI, 2021, p. 134). Segundo Boff diante de situações precárias e de injustiças as Igrejas criaram organismos em defesa da promoção humana como “no Chile, a Vicaria de Solidaridad e, no Brasil, a CPT, o CIMI e, em todas as partes, as comissões de Direitos Humanos, de Justiça e Paz, Secretariados de Justiça e Não-Violência e outros tipos de agrupamentos em prol dos sem-poder e de sua dignidade” (BOFF, 1984, p. 70). Esse empenho em defesa dos vulneráveis teve um preço a ser pago, perseguições, ameaças, sequestros, mortes de leigos, religiosos, de sacerdotes e de bispos (BOFF, 1984, p. 71). No interior das comunidades eclesiais emerge um sentimento religioso que anima e encoraja seus membros a lutarem pela justiça social em prol de todos (BRIGHENTI, 2021, 135). O Papa Francisco cita na *Evangelii Gaudium* a fala dos bispos do Brasil:

Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais - sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde -, lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deva à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício (EG n. 191).

Segundo Suess, a missão na perspectiva do Papa Francisco exige que os agentes de pastorais resistem a todo tipo de injustiça, de alienação e acreditar na possibilidade de um mundo mais solidário e mais justo (SUESS, 2017, p. 62). Segundo o Papa Francisco “é salutar recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos ao longo da história, que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa” (EG n. 263). Para Francisco a Igreja em saída significa experimentar a alegria do êxodo da escravidão, mas também o dom “de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além” (EG n. 21). Suess diz que o Papa Francisco é preciso ter o duplo pertença da missão: “A missão é uma paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (EG n. 268). Ele conta a sua experiência de pastoral nas favelas da Argentina: “Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar” (EG n. 7).

Segundo Boff, a partir do interior das comunidades eclesiais de base (CEB's) se ensaia um novo modelo de sociedade. Superação das desigualdades, as relações injustas que dominam a sociedade, “através da participação dos seus membros, do compartilhamento das responsabilidades, das decisões, da direção, através do respeito pelos mais fracos, por meio do exercício do poder serviço” (BOFF, 1982, p. 201). Segundo o Papa Francisco as comunidades são geradoras de esperança. Elas são lugares de organizações, de lutas, de aprendizado, de diálogo, de solidariedade, conscietização

Segundo o Papa Francisco, “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo (EG n. 187). Segundo Suess a solidariedade na perspectiva do Papa Francisco deve ser vivida numa dimensão de devolver a grande maioria, os pobres, o que lhe corresponde (SUESS, p. 41; EG n. 189). Assim afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

Mas queremos ainda mais, o nosso sonho voa mais alto. Não se fala apenas de garantir a comida ou o decoroso “sustento” para todos, mas “prosperidade e civilização *em seus múltiplos aspectos*”. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e, especialmente, trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados aos outros bens que estão destinados ao uso comum (EG n. 192).

Segundo Santo Domingo a salvação do povo deste planeta não consiste em sair apenas das condições subumanas para situações mais dignas, é urgente que “a promoção humana (...) deve levar o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas (...). Trata de um verdadeiro canto à vida, desde o não-nascido até o abandonado” (SD n. 162). Segundo o Papa Francisco a “Igreja em saída é aquela defensora e advogada dos pobres e não uma juíza e acrescentou “que ao ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” (EG n. 193). Segundo Brighenti o Papa Francisco quer uma Igreja de fato pobre e para os pobres reais e citou uma frase que ele disse no Brasil: “vocês, os pobres, são carne de Cristo” (BRIGHENTI, 2021, p. 188). Segundo o Papa Francisco “assim como a Igreja é missionária por natureza, também inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove (EG n. 179).

Segundo Santo Domingo, a evangelização não deve descuidar da promoção humana n. 157:

Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem, de fato laços profundos: Laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas sim um condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos. Laços de ordem teológicas, porque



não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços da ordem eminentemente evangélica, qual seja a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo, sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem?” (EN n. 31).

Papa Francisco trata da dimensão social da evangelização no capítulo IV da *Evangelii Gaudium* apelando para os agentes de pastorais, teólogos e aos leigos que sejam instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam ser integrados plenamente na sociedade ( COSTA, 2014, p. 193). Para o Papa Francisco a “dignidade de cada pessoa e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política econômica, mas, às vezes, parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral” (EG n. 203).

Santo Domingo, Direitos humanos n. 166:

A Igreja, ao proclamar o Evangelho, raiz profunda dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia à sua missão, mas, ao contrário, obedece ao mandato de Jesus Cristo ao fazer da ajuda ao necessitado uma exigência essencial de sua missão evangelizadora. **Os Estados não concedem estes direitos;** a eles compete protegê-los e desenvolvê-los, pois pertencem por sua natureza ao homem.

Segundo Boff os direitos humanos são inalienáveis e sagrados, direitos das maiorias, os pobres que estão no mundo inteiro. Na América Latina os direitos humanos são violados, o direito à vida, aos meios que promovem a vida, a integridade física, trabalho, moradia, educação, a saúde, segurança social, os direitos individuais têm de estar em sintonia com os direitos sociais. Os pobres da América Latina, por meios lícitos, devem reivindicar seus direitos individuais e sociais (BOFF, 1984, p. 68-69). Segundo Suescun as reivindicações sociais feitas pelos pobres são justas, necessárias e apontam para seus direitos básicos e indispensáveis que são violados e negados (SUESCUN, dicionário, p.141), Segundo o autor da *Evangelii Gaudium* essas reivindicações são justas e:

A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. Também seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem. As reivindicações sociais, que têm a ver com a distribuição de renda, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz fêmera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando esses valores são afetados, é necessário uma voz profética (EG n. 218).

Para o Papa Francisco a transformação da sociedade exige consciência, força de vontade dos cristãos, engajamento na política “embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política”, a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG n. 183). Na Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* Paulo VI mostra de forma especial em seu parágrafo 4, mostra a relação que existe entre política e fé citado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* : “Perante situações, assim tão diversificadas, torna-se-nos difícil tanto o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal. Mas, isso não é ambição nossa, nem mesmo a nossa missão. É às comunidades cristãs que cabe analisar, com objetividade, a situação própria do seu país” (EG n. 184). Paulo VI diz que cabe às comunidade cristãs, o sujeito do discernimento na vida política as necessidade e optar pela política ou não (ANDRADE, 2014, p.230) Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco reflete a questão econômica a causadora de exclusão, desigualdade e morte:

(...) Hoje, tudo entra em jogo da competitividade e da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim, teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração, mas de uma realidade e opressão, mas de uma realidade, nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras” (EG n. 53).

O autor da *Evangelii Gaudium* traz um tema espinhoso e próprio da teologia latino-americana, ele condena veementemente a idolatria do dinheiro:

(...) criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. EX 32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das necessidades: o consumo (EG n. 55).

Segundo Moser a força do pecado social obriga milhões de seres humanos a mergulhar na mais extrema pobreza, o pior a idolatria que está por detrás dessa pobreza de modo arraigado e escondido. Hoje, o bezerro de

ouro se evidencia de diversas maneiras: ídolos do lucro, da produção, das leis de mercado etc. Não se dá primazia à vida, mas aos mais variados mecanismos econômicos e sociais, esses ídolos exigem sacrifícios de milhões de pessoas. (MOSER, 1996, 149).

Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades. A intolerância política e o indiferentismo diante da situação de empobrecimento generalizado mostram desprezo pela vida humana concreta que não podemos calar (SD n. 167).

Segundo Boff os pobres ao tomarem consciência dos seus direitos básicos negados, eles reagem manifestando sua indignação e recorrem meios lícitos que estão ao seu alcance como associações de moradores, sindicatos, nas comunidades onde se luta pelos direitos de forma simples e eficaz, em muitas organizações populares. As Igrejas da América Latina não cruzaram os braços e nem mediram esforços de promover a vida e defender os direitos humanos criando meios eficientes para que haja justiça “criaram diversos organismos por todo continente como, “no Chile, Vicaria de Solidariedade, no Brasil, a CPT, o CIMI e, em todas as partes, as comissões de Direitos Humanos, de Justiça e Paz, Secretariados de Justiça e Não-Violência e outros tipos de agrupamentos em prol dos sem-poder e de sua dignidade” (BOFF, 1984, p.70). Os bispos latino-americanos afirmaram em Santo Domingo n. 169:

Na América Latina e no Caribe, as grandes cidades estão doentes em suas zonas centrais deterioradas e sobretudo em suas periferias. No campo, as populações indígenas e camponesas são despojadas de suas terras ou confinadas em terras menos produtivas, enquanto se continua derrubando e queimando as florestas na Amazônia e em outras partes do continente. Diante dessa crise, vem-se propondo como saída o desenvolvimento sustentado, que pretende responder às necessidades e aspirações do presente, sem comprometer as possibilidades de atendê-las no futuro. Quer-se com isso conjugar crescimento econômico com limites ecológicos

Segundo Oliveira não se pode dispor da criação ao seu bel-prazer, a natureza deve ser cuidada e utilizada em benefício de todos (OLIVEIRA, 2022, p. 356). Boff no seu livro intitulado *A saudade de Deus, a força dos pequenos* disse que pelo fato de Jesus ter assumido a condição humana e cósmica, Ele sofre com todos os miseráveis do planeta terra e o grito de milhões de sofredores se fundem com o grito da Mãe Terra. “A floresta que é derrubada por motosserra significa golpes em seu corpo. O ar contaminado adocece seu princípio vital. Nos ecossistemas dizimados e pelas águas poluídas, Ele continua sangrando e perdendo capacidade de regeneração” (BOFF, 2020, p.36). Segundo Suess, o planeta terra pertence a toda a humanidade e não a um pequeno grupo que detém um poder descomunal capaz de destruir tudo em detrimento dos seus interesses econômicos (SUESS, 2017, p. 41-43). Segundo Oliveira, para o autor da *Evangelii Gaudium* o ser humano não deveria ser tão ambicioso a ponto de querer ser o dono do mundo, mas deveria ser um administrador coerente e responsável pela obra da criação (OLIVEIRA, 2022, p. 354). Segundo o Papa:

Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses econômicos ou de um uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação. Não deixemos que, à nossa passagem, fiquem sinais de destruição e de morte que afetem a nossa vida e a das gerações futuras (EG n. 215).

Segundo Brighenti a expressão “conversão pastoral” aparece pela primeira vez no Documento de Santo Domingo, como conversão de mentalidade da comunidade perante aos desafios da coletividade (BRIGHENTI, 2021, p. 163). Nessa perspectiva o Papa Francisco traz a “Igreja em saída às periferias” e a encoraja a todos a irem contra a correnteza “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG n. 49). Para Trigo sair significa não ficar indiferente a tantas injustiças como, a pobreza, a miséria, não tolerar a fome de milhões de seres humanos por todo o planeta, a exploração sexual, à guerra, ao abandono dos idosos etc. (TRIGO, 2019, p. 43). De acordo com Passos a luta pela justiça na visão do Papa Francisco constituiu um caminho irrecusável da Igreja do mundo inteiro (PASSOS, 2016, p. 88) e acrescentou o Papa Francisco: “Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Essa é uma desculpa frequente nos ambientes acadêmicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais” (EG n. 201).

### ***Aparecida e Evangelii Gaudium***

Segundo Galli a V Conferência latino-americana e Caribenha realizada nos dias 13-31 de maio de 2007 no santuário mariano, em Aparecida, em São Paulo, Brasil. Foi um marco importante na caminhada pastoral da Igreja latino-americana e caribenha em continuidade com as Conferências de Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Nessa conferência fizeram um estudo minucioso a partir do Vaticano II até Santo Domingo (GALLI, 2019, p. 81). Segundo Miranda o então Cardeal Bergogli de Buenos, hoje o Papa Francisco, foi o presidente da Comissão de Redação do texto original do Documento de Aparecida

(MIRANDA, 2018, p. 48). E Sues diz que “Em Aparecida já escutamos a voz do redator responsável pelo documento final, Jorg Mario Bergoglio (SUESS, 2017, p. 24). O Papa Bento XVI no seu discurso inaugural provocou reação, sobre os povos indígenas e afro-americano ao afirmar que o processo de Evangelização na América Latina foi: “Com efeito, o anúncio de Jesus e de seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura estranha” (BRIGHENTI, 2019, p. 188); DAP n. DI). Segundo Brighenti o Papa Francisco disse ao contrário em sua visita a Bolívia, em Santa Cruz de La Sierra que surpreendeu a todos no seu discurso do dia 09 de julho de 2015, ao dizer:

Alguns podem dizer que, quando o Papa fala de colonialismo, ele se esquece de algumas ações da Igreja. Mas eu digo isso a vocês com lamento: muitos pecados foram cometidos contra os povos latinos em nome de Deus. Eu humildemente peço perdão, não apenas pelas ofensas da Igreja em si, mas também pelos crimes cometidos contra povos nativos durante a chamada conquista da América” (BRIGHENTI, 2019, 190)

Segundo Brighenti ainda na Bolívia, ao fazer um discurso diante dos líderes indígenas com a presença de Evo Morales, Francisco disse de bom tom que é do conhecimento de muitos, inclusive de líderes latino-americano da Igreja que em nome da evangelização muitos horrores foram praticados e acrescentou:

“Graves pecados foram cometidos contra os povos nativos da América em nome de Deus (...). Também quero que nos lembremos dos milhares de padres que, com o poder da cruz, se opuseram fortemente à lógica da espada. Houve pecado, e muitos. Mas nunca pedimos desculpas, então, agora peço perdão” (BRIGHENTI, 2019, p. 190-191).

Segundo Suess o Papa Francisco tem conhecimento de causa, o seu discurso parte dos fatos e da história da evangelização das Américas “começou com a destruição da diversidade cultural, incluindo a diversidade religiosa e a negação do diálogo” (SUESS, 2017, p. 87). E Suess comentou que “quando a Igreja Católica reza a missa ‘pela unidade do Espírito Santo’, reza pela unidade na diversidade, sempre ameaçada por particularismos, monopólios da verdade, exclusivismos e exigência da uniformidade” (SUESS, p. 88). A *Evangelii Gaudium* diz que é preciso contar com a assistência do Espírito para que Ele suscite a diversidade, a pluralidade, multiplicidade, só assim a unidade será realizada:

As diferença entre as pessoas as pessoas e as comunidades , por vezes, são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita essa diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Pelo contrário, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isso não ajuda a missão da Igreja (EG n. 131)

Nada mais é mais imperioso, rico e belo do que a diversidade étnica e cultural de um povo (SUESS, p. 165) Segundo Scannone o Papa argentino viveu no meio da diversidade cultural. É conhecedor da pluralidade cultural, principalmente no nível urbano, onde também está a semente do Verbo (SCANNONE, 2019, p. 227; EG n. 115). Segundo Scannone a experiência pastoral na grande Buenos Aires confere ao Papa Francisco a autoridade para falar desse tema tão nobre que é a pluralidade cultural (SCANNONE, 2019, p. 253). Francisco reconhece que é preciso “não esquecer de que a cidade é um âmbito multicultural” (EG n. 74). No que diz respeito a diversidade cultural a *Evangelii Gaudium* diz que se “deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade, e ao mesmo tempo, realizar a unidade” (EG n. 131). Por isso ele traz o modelo do poliedro:

Aqui o modelo não se é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferença entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros têm a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum, que verdadeiramente incorpore a todos (EG n. 236).

Segundo Scannone essa figura geométrica que se refere tanto a povo de Deus pluricultural, da mesma forma refere-se aos povos da história onde suas exuberantes culturas se entrelaçam com seu rosto multiforme na “harmonia pluriforme” (EG n. 220) e na “comunhão nas diferenças” (EG n. 228) e todos sonham juntos por justiça social e defesa da dignidade humana neste planeta, pois “os pobres ocupam um lugar especial na evangelização e no coração de Deus” (SCANNONE, 2019, p. 251-255). Segundo Scannone a imagem do poliedro é “uma figura geométrica com muitas caras distintas. O poliedro reflete a confluência de todas as particularidades que, nele, conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra. Hoje vós também estais buscando essa síntese entre o local e o global. Esse modelo do poliedro reflete todas as partes que nele mantêm a sua originalidade” (Scannone, p. 250).

Segundo Scannone o povo nascido de mestiçagem histórica cultural e se acrescenta aos senhores e escravos (escravos vindo da África), bem como imigrantes, italianos, alemães, polacos e acrescentou: “A cultura é algo dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar em face dos próprios desafios” (SCANNONE, 2019, p. 218). Segundo Carias cultura é a vivência de um povo, na qual emerge seu seus valores, sinais, símbolos, religiosidade, crenças, políticas, leis, sentidos e significados que estão inerentes nas atitudes e nos comportamentos na vida de uma comunidade, de um país e de um continente de forma conscientes e normal e concluiu “Se em uma sociedade é normal comer carne de cachorro, por exemplo, para pessoas de tal sociedade pode parecer absurdo comer carne de boi”(CARIAS, p. 87).

Segundo Suess a unidade “é como uma ponte que se constrói sobre os conflitos sociais, culturais, econômicos e religiosos da humanidade. O arquiteto da referida ponte é o Espírito Santo. Por isso, compreende-se a unidade não como uniformidade, mas como diversidade consentida pelo Espírito Santo” (SUESS, 2015, p. 165). Segundo o Papa Francisco a “unidade é superior ao conflito” (EG n. 228). Trata-se de aceitar o conflito (EG n. 226) e de “aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo (EG n. 227. Scannone diz que são importantes esses três verbos: suportar, resolver e transformar os conflitos (Scannone, 2019, 265) e Francisco acrescenta: “descobrir que o primeiro âmbito onde somos chamados a conquistar esta pacificação nas diferenças é a própria interioridade” (EG n. 229) e Scannone conclui que o agente de pastoral, o político e o cidadão cristão só contribuirão para a paz se pacificaram primeiro seus corações (SCANNONE, 2019, p. 266).

Na V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida (2007), os bispos afirmaram claramente que a dignidade da pessoa humana é inviolável e por esse motivo a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que dá uma nova fisionomia a esta Igreja latino-americana acrescentou:

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que “converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum” (DAp n. 391).

Segundo o Papa Francisco dialogar com a humanidade faz parte da missão e do carisma da Igreja em saída, pois, é por meio de um sincero diálogo, que será possível construir pontes, unir forças e criar uma rede de solidariedade e ao mesmo tempo, defender as comunidades pobres, excluídas da sociedade:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de tudo” a eles. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus” (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres (...). Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar (...). É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a coloca-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar por meio deles (EG n. 198)” (Evangelii Gaudium, 198).

Miranda diz que a opção pelos pobres implica não só voltar-se para eles, mas deixar-se por eles evangelizar, saber escutá-los e compreendê-los (EG 198). A Igreja só terá credibilidade em seu anúncio do Evangelho (EG 199) se nela os pobres se sintam em casa. E o Papa conclui: “por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198; MIRANDA, 2018, p. 48). A espiritualidade é a base da sustentabilidade da missão. “A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200). Segundo Suess na Evangelii Gaudium o papa Francisco segue a linha de Aparecida atualizando os conteúdos para a Igreja universal (SUESS, 2017, p. 95)); segundo Brighenti como foi dito acima a evangelização na cidade é tão complexo que não tem espaço para amador:

“a) sociólogos e economistas, para conhecê-la em lógica econômica, em suas estruturas sociais, em sua dinâmica própria, com seus desafios permanentes e emergentes; b) cientistas políticos, para nos fazer ver as relações entre grupos, seus esforços para firmar-se e afirmar-se no espaço urbano, suas lutas pelo poder nas várias esferas e nos vários níveis; c) antropólogos culturais, para nos ajudar a perceber as distintas identidades e as diversas mentalidades que existem e interagem no espaço urbano, onde convivem ‘mundos’ culturais vários; d) estudiosos de sociologia da religião, com suas várias tendências; e) enfim, especialistas em ética social, para fornecer-nos critérios de discernimento moral dos processos e projetos que dão sentido às ações, grandes e pequenas, e decidem as atitudes que os cidadãos tomam no espaço urbano” (BRIGHENTI, 2021, p. 209).

Aparecida destaca que o mundo da missão exige dos leigos e das leigas uma a formação interdisciplinar e atualizada numa perspectiva de diálogo e que colabore com a transformação social sobretudo nesse complexo e “vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências das artes, da

vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização”(Dap n. 283). Na Evangelii Gaudium o Papa Francisco assumiu o espírito de Aparecida: “Convindo a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades ” (EG n. 33).

Segundo Cuda o conflito só será solucionado a partir do experiência da conscientização, do compromisso, da resistência, refletir juntos, unir-se e tomar decisões coletivas, na Argentina a teologia do povo se articula em torno da memória e estética popular, politicamente recebe o nome de Teologia do Povo na qual o Papa Francisco foi formado, precisa-se investir no “diálogo social que viabilize o conflito, lutar para institucionalizar princípios sociais que emergem da situação de exclusão e de memória comunitária” (CUDA, 2021, p. 78). Segundo Suess através do diálogo constrói-se pontes e consensos, flexibiliza as relações e torna-se um exercício prazeroso de comunicação e doação. “Um diálogo é muito mais do que comunicação duma verdade. Realiza-se pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica, por meio de palavras entre aqueles que se amam” (EG n. 142) e Francisco acrescentou “a Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil” (EG n. 74).

Segundo Brighenti a cidade é um complexo diversificado, muitas vezes os agentes de pastoral conhecem apenas, partes, fragmentos, mas são diversas as realidades que compõem as cidades, do ponto de vista geográfico, cada bairro tem sua história, classes sociais, condomínios fechados, as áreas suburbanas:

“Além de bairros, do ponto de vista territorial, a cidade tem regiões, umas residenciais, outras são comerciais, outras industriais. O centro da cidade, outrora residencial, em geral é totalmente comercial. Igrejas situadas nessa região costumam não ter frequentadores residentes em suas imediações. Na cidade, há também os lugares de encontro das pessoas, seja em torno ao lazer e ao esporte, seja em torno à cultura ou à convivência, que vão desde as praças de alimentação e cinemas nos *shoppings centers* às academias de ginástica e praças esportivas, aos bares e casas noturnas. Em torno ao lazer, nas cidades em torno a elas, estão as ilhas-paraiso no campo, as praias, os lugares turísticos, os parques ecológicos e diversões etc” (BRIGHENTI, p. 210).

Segundo o documento de Aparecida, os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades eclesiais, movimentos e instituições da Igreja devem estar em conformidade com os desafios do mundo urbano. Nenhuma comunidade deve se omitir ou ter medo de “entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (Dap n. 365). Segundo Miranda, o Papa Francisco segue com fidelidade a linha de Aparecida e propõe uma conversão pastoral que faz parte da reforma das estruturas da Igreja, capaz de corresponder com a realidade do mundo globalizado, (MIRANDA, 2018, p. 63).

Segundo Suess o Papa Francisco trouxe para a Evangelii Gaudium o espírito do Concílio Vaticano II e da teologia latino-americana na qual ele foi formado, documentada nas Conclusões do Vaticano II e das Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2003). Essa perspectiva latino-americana recebeu até há pouco tempo da Igreja de Roma apenas tolerância cética. Com a Evangelii Gaudium, a Igreja latino-americana teve a sua recepção oficial na Igreja universal” SUESS, 2017, p. 59). Segundo Libânio, iniciou-se o retrocesso da teologia latino-americana nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, o que Karl Rahner chamou de “inverno da Igreja” (LIBÂNIO, 2016, p. 201). Segundo Passos, o Papa Bento XVI esteve sempre no alto escalão do longo governo de João Paulo II. “A renúncia inesperada do pontífice foi a implosão política do projeto ultra conservador da Cúria Romana e da ala de extrema direita do Vaticano que se solidificou no longo período do pontificado de João Paulo II até o final do pontificado de Bento VI (PASSOS, 2016, p. 126). Nesse período, segundo Teixeira o Cardeal Ratzinger, era o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), agiu duramente com os teólogos da Teologia da Libertação. A título de exemplificação: Leonardo Boff (1985), Charles Curran (1986), Edward Schillebeeckx (1986), Matthew Fox (1988), André Guindon (1992), Tissa Balasuriya (1997), Antonii de Mello (1998), Jeanine Gramick e Robert Nugent (1999), Reinhard Messner (2000), Jacques Dupuis (2001), Marciano Vidal (2001) e Roger Haight (2004). Em 1988, Dom Pedro Casaldáliga, da prelazia de São Felix do Araguaia recusou assinar um documento do Vaticano que limitava sua ação pastoral (PASSOS, 2016, p.74.)

Segundo Carias era perceptível os esforços dos bispos latino-americanos para atualizar a pastoral do Concílio Vaticano II e das Conferências em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e finalmente em Aparecida (2007) para aplicar no trabalho pastoral nas terras latino-americana e caribenha (CARIAS, 2016, p. 65). De acordo Suess o Papa Francisco conhece bem a visão do Vaticano II (1962-1965) e o quanto este jogou luzes nas grandes conferências latino-americanas e seu desafios, os bispos procuraram adaptar e vivenciar o Evangelho a partir da realidade do povo, mas houve um retrocesso (Suess, p. 126-127)

Segundo Andrade (ANDRADE, 2014, p. 228) na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* a perspectiva da Igreja latino-americana que, de Medellín a Aparecida, enfatiza a dimensão da prática da caridade e da justiça recebe plena recepção da Igreja universal. Este primado da caridade e da justiça faz com que se compreenda que o engajamento social dos cristãos não passa ser considerado mera consequência da evangelização, mas é parte integrante e fundamental do querigma. Afirma o Papa Francisco: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente

no mundo” (EG n. 176). Sendo assim, “(...) o *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG n. 177).

Segundo Passos, o Papa Francisco no exercício do seu ministério petrino, do ponto de vista político ele rompe com os padrões estabelecidos dos seus antecessores, João Paulo II e Bento VI e assume um novo modo de exercer o seu ministério papal. “nesse sentido, o Papa Francisco será condenado pelos juízos externos: dos institucionais que o veem como irresponsável e herético e dos renovadores que o veem como mediador e conformado às estruturas” (PASSOS, 2019, p. 39). O autor da *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco, não polpa críticas a ala conservadora da Igreja: “Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (EG n. 95). Ao ser entrevistado pelo um jornalista italiano, disse o Papa Francisco que “os chefes da Igreja geralmente têm sido narcisistas, adulados, exaltados pelos seus cortesãos. A corte é a lepra do papado” (BRIGHENTI, 2021, p. 187) e afirmou:

“Se alguém se sentiu ofendido com as minhas palavras, saiba que as exprimo com estima e com a melhor das intenções, longe de qualquer interesse pessoal ou ideologia política. A minha palavra não é a de um inimigo nem a de um opositor. A mim interessa apenas procurar que aqueles que vivem escravizados por uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta possam libertar-se dessas cadeias indignas e alcancem um estilo de vida e de pensamento mais humano, mais nobre, mais fecundo, que dignifique a sua passagem por esta terra (EG n. 208).

Segundo Passos existem rejeições a *Evangelii Gaudium* por tudo que ela representa a Igreja e a sociedade, há dificuldade em distinguir o que pertence a Palavra de Deus e o que é sócio-político-histórico-cultural. Capítulo 2 nos parágrafos 53-54 que se refere às questões políticas, econômicas e sociais do mundo globalizado. Muitas vezes a imprensa, alguns economistas criticam com dureza o Papa Francisco de socialista e comunista (PASSOS, 2019, p. 28). De acordo com Sung o Papa critica as leis de mercado porque são geradoras de exclusões e de sofrimento de milhões de pessoas (SUNG, 2018, p. 22). Segundo o autor da *Evangelii Gaudium*: “não a uma economia de exclusão e da desigualdade social. Essa economia mata” (EG n. 53). Segundo Passos “A cultura planetária está estruturada em dois aspectos de um mesmo processo global: o sistema financeiro que rege as economias do ponto de vista dos mercados (na produção e circulação dos produtos) e o consumo que inclui a todos em práticas de vida cada vez mais comum” (PASSOS, 2016, p.158). Segundo Beozzo, Francisco levou da América Latina para o seu magistério como Bispo de Roma conaturalmente a opção pelos pobres e excluídos e por sua libertação que floresceu na Igreja latina-americana e caribenha (BEOZZO, 2016, p.21). O Papa Francisco vivenciou todo o drama da pobreza e da injustiça social na Arquidiocese de Buenos Aires, como padre jesuíta, como bispo auxiliar e depois como Cardeal da capital da Argentina (SCANNONE, 2019, p. 203).

### ***A Evangelii Gaudium: diálogo entre a ciência da religião e linguagem***

Segundo Cuda, em contexto de pobreza estrutural as religiões são capazes de se unir, promover e alcançar a unidade num só objetivo de construir a paz, elas não procuram identificação mas a harmonia na diferença. O que os partidos políticos são incapazes de fazer, as religiões secularizadas são capazes construir a unidade, dá sentido à vida e valorizar o ser humano sem nenhuma pretensão de recompensa, mas seu único objetivo é construir a justiça e paz que deve ser de responsabilidade de todos no mundo de desigualdade e de dependência. (CUDA, 2021, p. 77).

A unidade não é um dado, é um evento, e se dá no diálogo; no evento do diálogo entre diferentes, há um povo, surge um povo no diálogo social como lugar discursivo de unidade. São corpos sofredores constituídos por uma história de sofrimento – por memórias de injustiças sentidas no corpo -, os que tomam posição no discurso público, não ideias. Por isso, manifestam-se de corpo presente no espaço público, dizem com os corpos ali, não por meio de representantes (Cuda, 2021 p. 77).

Segundo Boff líderes que nasceram das mais diversas religiões do mundo marcaram a história da humanidade como, Buda, Isaías, Jesus Cristo, São Paulo e, nos tempos modernos, Luther King, Ghandi, Dom Hélder Câmara e Dom Oscar Romero, são pessoas carismáticas que mergulharam no mistério do Ser e testemunharam esse encontro com a realidade comprometendo-se com a causa da justiça e muitos sacrificaram suas vidas pela nobreza da sua atuação na defesa da vida dos indefesos e do bem comum (BOFF, 2001, p. 29-30).

Segundo Boff o líder tibetano, Dalai-Lama, com seu espírito místico transformou o seu exílio numa missão de conscientização e de promoção da paz através de palestras, mesas-redondas no mundo inteiro:

Poucos como Dalai-Lama possuem tamanho dom para consolar os aflitos, gerar sentido para os desempregados e pregar a paz, fruto do diálogo entre as religiões, qual abraço entre os povos, na perspectiva de salvar a humanidade como família e garantir um futuro para a Casa Comum que é o planeta Terra. Ele percorre o mundo todo pregando esse evangelho” Boff, 2001, p.22).

Segundo o Papa Francisco no Islã há homens e mulheres que se nutrem de uma mística incontestável, dedicam diariamente tempo para suas orações, encontro com o transcendente e participam dos seus ritos religiosos, reconhecem suas vidas na sua totalidade, é do transcendente e para Ele. Suas vidas são pautadas na

espiritualidade, na misericórdia e na ética. Preocupam-se com os pobres, com a injustiça que assola o mundo e com a inclusão dos vulneráveis na sociedade e em todo planeta (PAPA FRANCISCO, 2017, p. 202).

Neste tempo, adquire grande importância a relação com os crentes do Islã, hoje particularmente presentes em muitos países de tradição cristã, onde podem celebrar livremente o seu culto e viver integrados na sociedade. Não se deve jamais esquecer de que eles “professam seguir a fé de Abraão, e conosco adoram o Deus único e misericordioso, que há de esculpir os homens no último dia”. Os escritos sagrados do Islã conservam parte dos ensinamentos cristãos; Jesus Cristo e Maria são objeto de profunda veneração e é admirável ver como jovens e idosos, mulheres e homens do Islã são capazes de dedicar diariamente tempo à oração e participar fielmente nos seus ritos religiosos. Ao mesmo tempo, muitos deles têm uma profunda convicção de que a própria vida, na sua totalidade, é de Deus e para Deus. Reconhecem também a necessidade de lhe responder com um compromisso ético e com a misericórdia para com os mais pobres (EG n. 252).

Segundo o Papa Francisco ao conversar com o Patriarca da Turquia sobre a unidade que é um caminho que se constrói ao longo da estrada e não num congresso de Teologia e Ciência da Religião, ouviu do Patriarca Bartolomeu uma frase do Patriarca Atanágoras que dizia a Paulo VI: “Vamos caminhar juntos, tranquilos, e vamos colocar todos os teólogos numa ilha, que discutam entre si, enquanto isso nós vamos caminhando na vida”. Ambos conversaram sobre o problema da ecologia e se prontificaram em trabalhar juntos em prol do planeta terra que é de responsabilidade de todos. E disse: “acolhi a visita de muitos irmãos ortodoxos, Bartolomeu, Hilarion, o teólogo Zizioulas, o copta Tawadros: este último é um místico, entrava na capela, tirava os sapatos e ia rezar. Senti-me irmãos deles”. Ao visitar a Mesquita na Turquia, o mufti estava comentando o Corão com brandura, o qual falava de Maria e de João Batista com respeito e veneração (PAPA FRANCISCO, 2017, p. 202-205)

Segundo Boff, as religiões anunciam predicções, mas também acentuam práticas. As religiões são fontes de ética e de comportamentos, no cristianismo, no Budismo, no Islamismo elas anunciam que é através do compromisso com os injustiçados que acontecem a transfiguração do ser humano e colaboram com a transformação da sociedade e do mundo por meio de uma prática de justiça numa amorosidade com os outros e compaixão para com os que sofrem, numa vida de despojamento que permite uma abertura para acolher os que passam fome. Se conseguir desenvolver essa prática, então o ser humano é capaz de construir um caminho para o céu ou para o nirvana que é a suprema realização do ser humano (BOFF, 2001, p. 24-25).

Segundo Barros, todas as religiões baseiam suas prédicas em desenvolver a mística da compaixão (*karuna* budista), a *misericórdia* (Islã) e o *amor* (Agapé) judaico-cristão, consequência do primeiro amor que é Deus. A fé abraâmica que gerou as três grandes religiões (judaísmo, cristianismo e o Islã) concordam que Deus se revela criação. “Talvez o que é próprio da espiritualidade judaico-cristã é que essa saída ao outro não é apenas uma espécie de consequência ética da mística, da espiritualidade, mas é o próprio cerne, o próprio coração da experiência de intimidade com Deus” (BARROS, 2019, p. 140-142). Por isso, para o Papa Francisco o ser humano transcende-se no outro. E Boff diz que “a transcendência principalmente se dá no encontro com as pessoas” (BOFF, 2000, p. u48). Chardin, jesuíta, místico e cientista no seu famoso livro, intitulado “meio divino” disse que o ser humano está dentro de Deus nunca sairá de dentro dele:

“Na ação, primeiramente, eu adiro ao poder criador de Deus; coincido com ele; tomo-me não apenas o seu instrumento, mas o seu prolongamento vivo. E como não há nada de mais íntimo num ser do que a sua vontade, eu me confundo, de algum modo, pelo meu coração, com o próprio coração de Deus. Esse contato é perpétuo, uma vez que ajo sempre; e, ao mesmo tempo, uma vez que eu não poderia encontrar limite à perfeição de minha fidelidade, nem ao fervor de minha intenção, ele me permite assimilar-me a Deus sempre mais estreitamente, indefinidamente” (CHARDIN, 1957, p. 29).

Francisco diz que a pastoral exige:

três campos de diálogo em que a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (EG n. 238).

O Papa Francisco na sua nova Exortação pós-sinodal, *Querida Amazônia*, ele trás a figura geométrica chamando-a de poliedro amazônico nos parágrafos 29-32. Segundo Scannone quando o Papa Francisco fala do povo com o seu “rosto multiforme” (EG n. 116), à sua “multiforme harmonia” (EG n. 117), essa diversidade das culturas, o Papa utiliza a imagem da figura geométrica do poliedro para “significar a unidade plural no seio do conjunto, de diferenças irreduzíveis” (SCANNONE, 211). Para Francisco o “modelo do poliedro, reflete a confluência de todas as partes que nele mantém a sua originalidade” (EG n. 236). O Papa Francisco concebe “a evangelização como inculturação” (EG n. 122) ele comenta a situação degradante de mais de cento e dez os Povos indígenas, mas também demonstra suas riquezas: liturgia, suas danças, ritos, gestos, espiritualidade, o modo de viver em comunidade, as culturas e símbolos que podem enriquecer a Igreja Católica (QA n. 94). Suess diz que a palavra “mística” pode significar espiritualidade, reza, culto, romaria, experiência de Deus, esoterismo. Os povos indígenas, por exemplo, ao se prepararem para uma luta importante, pintam seus corpos, fazem danças e invocam

seus espíritos para favorecer o empreendimento (SUESS, 2007, p. 69). Francisco lamenta que o Concílio Vaticano II já tivesse solicitado a inculturação da liturgia nos povos indígenas (SC, n. 37-40; 77; 81), já se passaram mais de 50 anos e pouco foi feito (QA n. 82). Ele reconhece a riqueza das comunidades de base (CEB's) que souberam integrar a defesa dos direitos sociais com anúncio missionário e a espiritualidade, foram verdadeiras experiências de sinodalidade no caminho evangelizador da Igreja na Amazônia (QA n. 96). Ele cita a EG n. 178: “a partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre a evangelização e a promoção humana”. Ele disse que a defesa dos direitos humanos faz resplandecer o rosto de Cristo (QA n. 75). Segundo Suess, o Papa Francisco ao escrever a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* inspira-se na *Evangelii Gaudium* ” (SUESS, 2021, p. 8. Vida Pastoral n.337, p. 8).

Segundo o Papa Francisco existe um vasto campo que necessita de diálogo entre credos e religiões que não significam relativização das próprias convicções, mas reconhecimento de outros caminhos que procuram aproximar-se do mistério inesgotável que é Deus:

Nesse diálogo, sempre amável e cordial, nunca se deve descuidar do vínculo essencial entre diálogo e anúncio, que leva a Igreja a manter e intensificar as relações com os não cristãos (...). A verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas “dispensável para compreender as do outro” e “sabendo que o diálogo pode enriquecer ambos”. Não nos serve uma abertura diplomática que diga sim a tudo para evitar problemas, porque seria um modo de enganar e negar-lhe o bem que se recebeu como um dom para partilhar com generosidade. Longe de se contraporem, a evangelização e o diálogo inter-religioso apoiam-se alimentam-se reciprocamente (EG n. 251).

Segundo Suess, nas diversas descobertas científicas está presente o dedo de Deus, (SUESS, 2015, p. 88) da mesma forma pode-se descobrir Deus no encontro com o outro “algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer Deus” (“EG n. 272), este Deus “que não nos abandona, que tira o bem do mal com o seu poder e a sua criatividade infinita” (EG n. 278).

O diálogo entre ciência e fé também faz parte da ação evangelizadora que favorece a paz. O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas”. A Igreja propõe outro caminho, que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus”, e não se pode contradizer entre si. A evangelização está atenta aos progressos científicos para iluminá-los com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência. Toda a sociedade pode ser enriquecida por meio desse diálogo, que abre novos horizontes ao pensamento e amplia as possibilidades da razão. Também este é um caminho de harmonia e pacificação (EG n. 242).

Segundo Suess o Evangelho se anuncia “em diálogo com outras ciências e experiências humanas” (EG n. 133), no mundo urbano e rural (EG n. 72). Isso exige dos pastoralistas reflexões que “não se contentem com uma teologia de gabinete” (EG n. 133), mas que adquiram uma teologia experimentada na convivência pastoral e com outras ciências (SUESS, 2017, p. 89). Segundo Suess, nos cenários de pluralismo cultural, procura-se construir um caminho que privilegia “o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos” (EG n. 239). Sem perder a questão de fundo, a “preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões” (EG n. 239). As causas maiores da justiça nos unem além das identidades étnicas. (SUESS, 2017, p. 90). Segundo Chardin Religião e Ciência estão interligadas de tal maneira que uma não se desenvolve sem a outra, são duas faces que formam a totalidade que só podem ser conjugadas simultaneamente:

“Quando, no Universo moveção (...) vemos as séries temporais e especiais divergir e soltar-se a roda e para trás, como as camadas de um cone, estamos talvez a fazer Ciência pura. Mas quando nos voltamos do lado da Vértice, para a Totalidade e para o Futuro, forçoso nos é fazer também Religião. Religião e Ciência: as duas faces ou fases conjugadas de um só ato total de conhecimento – o único que pode abarcar, para os contemplar, os medir e os completar, o Passado e o Futuro da evolução” (CHARDIN, 1970, p. 313).

Segundo Brighenti a Ciência e a religião, a vida cotidiana e espiritualidade se dialogam e se intercala, a interdependência de todos com todos leva o ser humano a ter um estilo de vida sobre o cuidado que abarca todos os campos: o econômico, o social, o ambiental, cultural, o espiritual, a compaixão, aliança entre a humanidade e o ambiente, pois tudo está umbilicalmente ligados e a corresponsabilidade por tudo o que existe e vive e pelo destino comum (BRIGHENTI, 2018, p. 64-65).

Para o Papa Francisco é preciso reconhecer também a sinodalidade como um meio indispensável para se aprofundar de diálogo (SUESS, 91):

Se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito Santo, quantas coisas aprendemos uns com os outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. Só para dar um exemplo, no diálogo com



os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade. Através de um intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem (EG n. 246).

Segundo Brighenti, a Igreja em saída necessita do auxílio das ciências, a missão é uma ação complexa e exige reflexão antes, durante e depois dela. A teologia é indispensável para a pastoral, mas é imprescindível estabelecer uma relação interdisciplinar com as diversas ciências como, a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, a economia, a política, a geografia, a biologia e outros saberes populares. O agente de pastoral deve saber dialogar e ler a valiosa contribuição das ciências que colabora no mundo da missão e não podem ser dispensadas. Caso contrário, o agente de pastoral vai ficar desconectado da realidade e seu trabalho não atingirá o seu objetivo. Os agentes pastorais precisam de formação adequada para navegar em diversas áreas das ciências, saber que o mundo atual é plural e torna-se cada vez mais diversificado. A inter-relação com outros saberes permite que se vislumbre o ponto de partida e o ponto de chegada da evangelização. O ponto de chegada diz respeito a colocar os pés no chão (BRIGHENTI, 2021, p. 176).

A ideia – as elaborações conceituais – está a serviço da captação, compreensão e condução da realidade. A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenha. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal à objetividade harmoniosa. Caso contrário, manipula-se a verdade, do mesmo modo que se substitui a ginástica pela cosmética. Há políticos – e também líderes religiosos – que se interrogam por que motivo o povo não os compreende nem os segue, se as suas propostas são tão lógicas e claras. Possivelmente, é porque se instalaram no reino das puras ideias e reduziram a política ou a fé à retórica; outros esqueceram a simplicidade e importaram de fora uma racionalidade alheia à gente (EG n. 232).

O Papa diz que se deveria evitar as diversas formas de ocultamento da realidade “os projetos mais formais do que reais (...), os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria (EG n. 231). Não há conversão ao Evangelho sem conversão à realidade, lugar onde Deus se revela, falou e continua falando (BRIGHENTI, p. 177). Boff relata que ao fazer parte de uma mesa-redonda ao lado de Dalai-Lama, *sobre religião e paz entre os povos*, no intervalo perguntou maliciosamente:

“- Santidade, qual é a melhor religião? (...) Respondeu Dalai-Lama: A “melhor religião é aquela que te faz melhor, mais compassivo, mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável”. E continuou “a religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião” (BOFF, 2001, p. 46). Nietzsche, filósofo alemão, pregou a morte de Deus e fez críticas severas ao cristianismo. Ele compôs essa oração intitulada *A Oração ao Deus Desconhecido* e Boff traduziu-a numa linguagem acessível no seu livro intitulado *Tempo de Transcendência* (BOFF, 2000, p. 84-85):

*Antes de prosseguir em meu caminho e lançar o meu olhar para a frente uma vez mais, elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo.*

*A ti, das profundezas de meu coração, tenho dedicado altares festivos para que, em cada momento, Tua voz me pudesse chamar.*

*Sobre esses altares estão gravadas em fogo estas palavras:*

*“Ao Deus Desconhecido”.*

*Seu, sou eu, embora até o presente tenha me associado aos sacrílegos.*

*Seu, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo.*

*Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servi-Lo.*

*Eu quero Te conhecer, desconhecido.*

*Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida.*

*Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero Te conhecer, quero servir só a Ti.*

*( Friedrich Nietzsche)*

#### IV. Conclusão

Em uma análise abrangente sobre o papel dos líderes espirituais e religiosos ao longo da história e sua relevância contemporânea, é evidente que a mística e o compromisso ético estão no cerne de suas contribuições para a humanidade. Desde figuras históricas como Buda e Jesus Cristo até líderes modernos como Martin Luther King e Dalai-Lama, esses indivíduos transcenderam suas tradições para promover a justiça, a paz e a inclusão social. A ação desses líderes é marcada por uma profunda busca espiritual e um engajamento concreto com os desafios do mundo, demonstrando que a transformação pessoal e social está interligada com o compromisso com o bem comum e a defesa dos marginalizados (Boff, 2001).

O Papa Francisco, em sua abordagem pastoral, reforça a importância do diálogo inter-religioso e da integração entre fé e razão, propondo uma evangelização que respeite e valorize as diversas tradições e saberes humanos. Sua visão da Igreja como um espaço de acolhimento e transformação social, aliada à necessidade de uma colaboração interdisciplinar, reflete uma compreensão holística da missão religiosa. Ao reconhecer a riqueza das culturas e das contribuições de outras religiões, Francisco e outros líderes contemporâneos destacam a

importância de uma espiritualidade vivida que se traduz em ações concretas para o bem-estar comum, promovendo uma convivência harmônica e solidária entre todos os povos e culturas (Papa Francisco, 2017; Suess, 2021).

### Referências

- [1] AQUINO JÚNIOR, Francisco. Papa Francisco. Com Os Movimentos Populares. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2018.
- [2] BEOZZO, José Oscar. Pacto Das Catacumbas: Por Uma Igreja Servidora E Pobre. São Paulo/SP: Paulinas, 2015.
- [3] BOFF, Leandro. A Saudade De Deus. A Força Dos Pequenos. 1ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.
- [4] BOFF, Leandro. Do Lugar Do Pobre. 1ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Vozes, 1984.
- [5] BOFF, Leandro. Ecclesio gênese: A Reinvenção Da Igreja. 1ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Record, 2008.
- [6] BOFF, Leandro. Espiritualidade. Um Campo De Transformação. 1ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Sextante, 2001.
- [7] BOFF, Leandro; BETTO, Frei. Mística E Espiritualidade. 4ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Rocco, 1999.
- [8] CARIAS, Celso Pinto. O Papa Francisco E Os Movimentos Populares. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco; ABDALLA, Maurício; SÁVIO, Robson (Orgs.). Papa Francisco Com Os Movimentos Populares. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2018.
- [9] CHARDIN, Pierre Teilhard. O Fenômeno Humano. 3ª Ed. Porto/Portugal: 1970.
- [10] CUDA, Emilce. Entre O Capitalismo Como Religião E A Teologia Da Prosperidade: Memória, Estética Popular Como Método De Discernimento Social Comunitário Papa Francisco. In: COELHO, A. S.; SUNG, J. M. 100 Anos Do “Capitalismo Com Religião” De Walter Benjamin. 1ª Ed. São Paulo: Recriar, 2021.
- [11] CUDA, Emilce. Para Ler A Francisco. Teologia, Ética Y Política. 1ª Ed. Autónoma/Buenos Aires, 2016.
- [12] DUSSEL, Enrique. De Medellín A Puebla, Uma Década De Sangue E Esperança. De Medellín A Sucre, 1968-1972. São Paulo/SP: Loyola, 1981.
- [13] Exortação Apostólica, Evangelii Gaudium. A Alegria Do Evangelho, Do Papa Francisco. 1ª Ed.; 1ª Reimpressão. São Paulo/SP: Paulinas, 2013/2014.
- [14] Exortação Apostólica, Evangelii Nuntiandi. Sobre A Evangelização No Mundo Contemporâneo. 10ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2010.
- [15] FREIRE, Paulo. Educação Como Prática Da Liberdade. 9ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Paz E Terra, 1979.
- [16] FREIRE, Paulo. Pedagogia Do Oprimido. 4ª Ed. Rio De Janeiro/RJ: Paz E Terra, 1991.
- [17] GALLI, Carlos María. La Alegría Siempre Nueva Del Evangelio Y Las Novedades Pastorales De Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (Org.). Os Ventos Sopram Do Sul. O Papa Francisco E A Nova Conjuntura Eclesial. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2019.
- [18] GONZAGA, Waldecir. Os Pobres Como Critério De Autenticidade. In: AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L. A. Evangelii Gaudium Em Questão. Aspectos Bíblicos, Teológicos E Pastorais. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2014.
- [19] IVERREIGH, Austen. Francisco, O Grande Reformador. 1ª Ed. Portugal: Vogai, 2015.
- [20] LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II. Em Busca De Uma Primeira Compreensão. 1ª Ed. São Paulo/SP: Loyola, 2005.
- [21] LIBANIO, João Batista. Introdução À Teologia Fundamental. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulus, 2014.
- [22] LIMA, Maria De Lourdes Corrêa. A Alegria Na Evangelii Gaudium: Aspectos Relevantes Na Teologia Do Antigo E Novo Testamento. In: AMADO, J. P.; FERNANDEZ, L. A. Evangelii Gaudium Em Questão. Aspectos Bíblicos, Teológicos E Pastorais. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2014.
- [23] MIRANDA, Mario De França. A Reforma De Francisco. Fundamentos Teológicos. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2018.
- [24] MOL GUIMARÃES. O Novo Humanismo. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulus, 2022.
- [25] MOSER, Antônio Frei. O Pecado. Do Descrédito Ao Aprofundamento. 4ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- [26] OLIVEIRA, Monfredo Araujo. O Papa Francisco E O Mundo De Hoje. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco; ABDALLA, Maurício; SÁVIO, Robson (Orgs.). Papa Francisco Com Os Movimentos Populares. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2018.
- [27] ORTEGA Y ALAMINO, Jaime. Papa Francisco. Cuba E Estados Unidos. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulus, 2017.
- [28] PASSOS, João Décio. Casa Comum. A Igreja Em Saída. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2016.
- [29] PASSOS, João Décio. Da Periferia Para O Centro: A Influência Das Igrejas Do Sul Na Nova Conjuntura Eclesial. In: BRIGHENTI, Agenor (Org.). Os Ventos Sopram Do Sul. O Papa Francisco E A Nova Conjuntura Eclesial. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2019.
- [30] PAULO VI. Populorum Progressio. 14ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- [31] SCANNONE, Juan Carlos. A Teologia Do Povo. Raízes Teológicas Do Papa Francisco. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2019.
- [32] SUESS, Paulo. Dicionário Da Evangelii Gaudium. 50 Palavras-Chave Para Uma Leitura Pastoral. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulus, 2015.
- [33] SUESS, Paulo. Missão E Misericórdia. A Transformação Missionária Da Igreja Segundo A Evangelii Gaudium. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2017.
- [34] TRIGO, Pedro. Papa Francisco. Expressão Atualizada Do Concílio Vaticano II. 1ª Ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2019.